

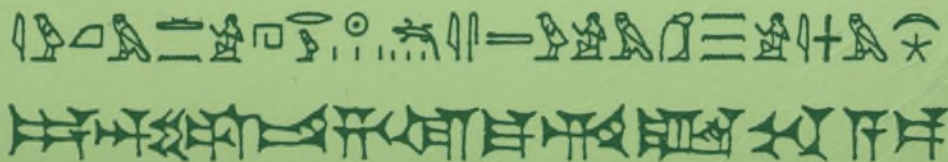
CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

2



E D I C I O E S
C O S M O S



COLECÇÕES EGÍPCIAS DA EX-UNIÃO SOVIÉTICA

Quando em Julho de 1991 teve lugar em Moscovo a conferência anual do CIPEG (Comité Internacional para a Egiptologia) ainda existia essa antiga potência mundial que dava pelo nome de União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Foi na capital deste país que durante quatro dias (8 a 11 de Julho) se reuniram os membros do CIPEG, organização egiptológica integrada no ICOM (Conselho Internacional dos Museus) que reúne conservadores e investigadores ligados a museus ou colecções de antiguidades egípcias. Desse encontro foram já publicadas notícias que saíram nas revistas *Hathor. Estudos de Egiptologia*, 3 (pp. 175-178) e em *Cadmo*, 1 (pp. 230-232), tendo na altura sido revelado que dos mais de sessenta egiptólogos presentes 32 eram da então União Soviética.

O interesse das comunicações dos egiptólogos soviéticos residia, sobretudo, no facto de abordarem questões relacionadas com colecções de antiguidades egípcias que eram praticamente desconhecidas para a maioria dos investigadores europeus e americanos presentes. E se na altura tais colecções dos vários museus soviéticos estavam de algum modo interligados pelo facto de administrativa e cientificamente se subordinarem a um organismo central com sede em Moscovo (Departamento de Belas-Artes, Exposições e Museus do Ministério da Cultura da URSS), a situação hoje alterou-se, devido à independência obtida por várias Repúblicas e a consequente autonomia dos diversos museus que se desligaram da tutela central soviética. As convulsões político-sociais entretanto ocorridas permitem antever que tão cedo os egiptólogos da ex-União Soviética não se voltarão a reunir em tão significativo número num mesmo local e provavelmente jamais se voltará a organizar a exposição de antiguidades egípcias que o Museu Puchkin de Belas-Artes de Moscovo levou a cabo nas suas amplas instalações, oferecendo aos investigadores estrangeiros presentes no encontro do CIPEG uma interessante mostra de objectos vindos das mais significativas colecções egípcias da União Soviética.

Na referida exposição, realizada a escassos meses do desmembramento do país (na altura estava já em curso a separação das repúblicas bálticas), foram exibidas peças egípcias vindas de cinquenta museus espalhados por dez Repúblicas: Rússia, Ucrânia, Geórgia, Arménia, Azerbaijão, Tadjiquistão, Turqueménia, Lituânia, Letónia e Estónia. Natural seria que o maior número de peças viesse da Rússia, com empréstimos feitos pelos museus das cidades de Voronej, Lvov, Perm, Tambov, Ivanovo, Kazan, Sverdlovsk e Leninegrado (hoje São Petersburgo), entre outras, além, obviamente, dos museus de Moscovo.

Ampliando os sumários textos publicados nas revistas acima mencionadas, importará salientar algumas das intervenções dos egiptólogos soviéticos presentes na reunião:

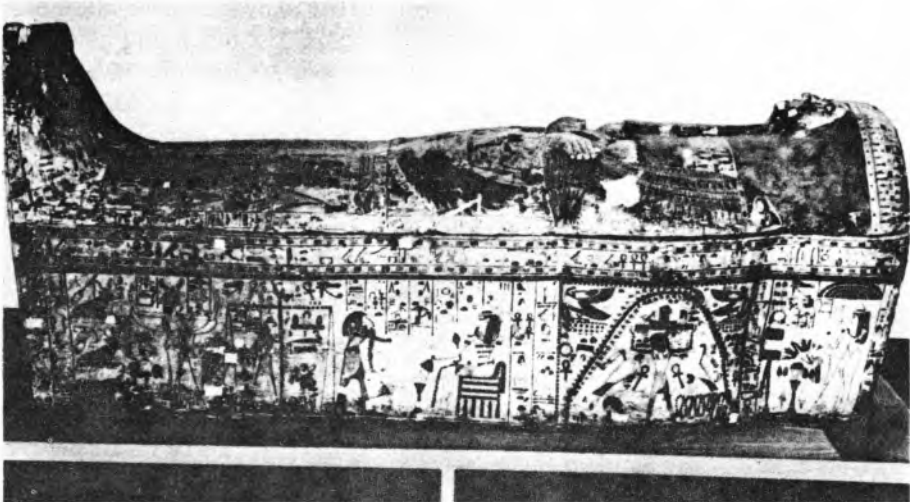
1. Svetlana Hodjach, conservadora da colecção egípcia do Museu Puchkin de Belas-Artes, apresentou uma comunicação intitulada «Egyptian monuments found in the USSR», enumerando os achados de objectos egípcios ou egipcizantes ocorridos em toda a vasta região do sudoeste da União Soviética, nomeadamente no Uzebequistão, Turqueménia, Tadjiquistão, Astrakhan, Ossétia, Arménia, Geórgia, costas do mar Negro e Crimeia. Tudo leva a crer que tais objectos (sobretudo escaravelhos, amuletos, objectos de adorno e estatuetas de bronze) foram transportados desde o Egípto por mercadores fenícios que às regiões do mar Negro e zonas limítrofes iam comerciar com as colónias gregas lá estabelecidas. Os objectos encontrados mais para o interior, uns egípcios, outros de imitação, seguiram as pistas caravaneiras da estepe que levavam às regiões em redor do mar Cáspio. Muitos dos achados datam da Época Baixa (xxvi à xxx dinastia) e do período greco-romano, embora seja de destacar um selo encontrado na Arménia que remonta ao século xv antes da nossa era (xviii dinastia). De referir ainda que algumas das ideias religiosas que depois na região se desenvolveriam e que tiveram reflexo na iconografia local inspiraram-se, segundo a autora, em velhos temas egípcios: o escaravelho como símbolo de ressurreição e o deus Bes como génio protector e benfazejo.

2. A comunicação de E. Khansadian relacionava-se com a anterior, já que tratava mais objectivamente dos «Egyptian monuments from Mezamora», um sítio histórico com vestígios de ocupação humana que remonta ao v milénio antes da nossa era, posicionado a meia centena de quilómetros a sul de Erevan, capital da Arménia. Em Mezamora foram encontradas várias necrópoles datadas do II milénio antes da nossa era, pertencentes a magnates locais, chefes guerreiros e cavaleiros das estepes, cujos túmulos (conhecidos pelo nome de *kurgans*) proporcionaram alguns objectos egípcios, desde amuletos a escaravelhos. Uma das necrópoles começou a ser escavada a partir de 1939, tendo diversos *kurgans* sido abertos só em época mais recente: foi num deles que se achou um cilindro-selo datado do

reinado de Amen-hotep III (ou Amenófis III, XVIII dinastia), objecto que, segundo o autor da comunicação, apresenta como tema um casal, estando o homem sentado e a mulher de pé, revelando o estilo marcadas características assírias e hititas.

3. «The Egyptian collection of the State Museum of Oriental Art, Moscow» foi o tema escolhido por S. Bersina e I. Ksenofontova, conservadoras do referido museu moscovita. Conforme revelaram, a colecção egípcia do Museu Estatal de Arte Oriental possui cerca de duzentos objectos, sobretudo contas de colar, amuletos, chauabtis (estatuetas funerárias) e escaravelhos. O museu apoiou escavações realizadas entre 1982 e 1989 na região da Ossétia, a leste do mar Negro, durante as quais se encontraram milhares de contas de faiança, vários outros adornos de faiança, amuletos e escaravelhos que foram aumentar a colecção egípcia. Tais objectos, achados com muitos outros não egípcios, são oriundos de um santuário datado do século IV antes da nossa era e de uma necrópole dos séculos I-III da nossa era.

4. Graças à comunicação de A. Suprunenko puderam ser conhecidas de forma genérica «The collections of the museum at Poltava», cujo acervo de objectos egípcios começou a ser reunido em 1894 graças a sucessivas doações de um antigo oficial do exército czarista, P. Bobrovski. Esta personagem viajou no Egito e Norte de África em finais do século XIX, tendo de lá trazido mais de cinco mil objectos, muitos deles da época faraónica. Em 1985 foi a colecção egípcia enriquecida com os objectos encontrados num *kurgan*, em consequência das exitosas escavações que diversos museus




Sarcófago do sacerdote de Amon

têm apoiado para a descoberta dos túmulos dos cavaleiros e nobres dos povos das estepes.

5. A intervenção, em francês, de G. Chamzai e J. Fomenko, versou «Sur l'histoire de la formation des collections de monuments de l'Antienne Égypte à Dniepropetrovsk». Embora os arquivos do museu se tenham perdido durante a Segunda Guerra Mundial (a cidade de Dniepropetrovsk esteve ocupada pelo exército alemão), foi possível conduzir a investigação sobre as origens das colecções graças ao auxílio prestado pelo Museu Puchkin de Belas-Artes de Moscovo. Foi assim apurado e confirmado que o núcleo inicial de objectos egípcios teve origem em três colecionadores privados de Odessa e noutras colecções menos importantes cedidas no final do século XIX. Entre várias peças significativas é de sublinhar uma estátua do faraó Ramsés VI ajoelhado, uma estatueta do Império Médio e uma múmia com adornos.

6. T. Cherkova apresentou uma comunicação intitulada «Egypt and the Great Silk Road», recordando a famosa pista caravaneira que da Europa conduzia ao Extremo Oriente. Segundo a autora, essa rota, que do mar Mediterrâneo seguia por Samarcanda e Norte da Índia, animou-se durante a época do Império Romano, e o percurso das caravanas pode ser seguido graças aos achados de diversos objectos ao longo dessa pista, entre os quais se encontram alguns feitos em faiança egípcia. Embora essa rota terrestre pudesse ser utilizada a caminho da Índia, Afeganistão e outras regiões, não passava de um itinerário alternativo a um outro percurso amiúde utilizado na época: a rota marítima.

7. A. Bolchakov, de Leninegrado, revelou «The oldest known pharaonic coin in the Hermitage». A sua comunicação incidiu sobre o chamado «estater *nebu-nefer* de Nectanebo II», uma moeda encontrada em 1869 perto de Damanur, no Delta, e que se julga poder datar do reinado do último faraó egípcio, Nakhthorheb (em grego é Nectanebo II, da XXX dinastia). Bolchakov evocou os estudos de Dattari e outros investigadores acerca da peça que viria depois a ser adquirida por Yakuntchikov para em 1917 ser nacionalizada, dando entrada nas colecções do Ermitage, onde se encontra desde 1927. A moeda, que num dos lados mostra um cavalo erguendo-se nas patas traseiras e no outro dois hieróglifos egípcios sobrepostos com a leitura de *nebu-nefer*,  *nw-nfr*, foi inicialmente tomada por uma fal-

sificação. Posteriormente, a descoberta de outras moedas similares (nomeadamente em Mit-Rahina, na região da antiga Mênfis) veio revelar que a peça não era falsa, podendo agora ser considerada como a mais antiga

moeda cunhada no Egipto. Segundo o autor da comunicação, a moeda, juntamente com muitas outras entretanto desaparecidas, teria sido produzida especialmente para pagamento aos mercenários gregos que na época serviam o faraó egípcio.

8. Destacaremos ainda a intervenção de E. Pichikova com «An offering table of the xxvth dynasty from the Odessa Archaeological Museum: problems of attribution of Saitic reliefs». Tratava-se de apreciar um altar de oferendas com inscrições iniciadas com clássicas fórmulas de oferenda *hotep-di...* (*htp-df...*) mas que não continham o nome do doador. Numerosos detalhes da peça mostravam adaptações e imitações de estilos de épocas anteriores, enquanto outros revelavam semelhanças com as formas típicas da época saíta (xxvi dinastia), como eram os casos de relevos algo idênticos existentes nos túmulos de Ibi, Ankh-hor e Mentuemhat. O que era de todo novidade em relação aos tempos passados era a oferta de peixe que o relevo documenta, parecendo ser uma inovação saíta que alterava antigos hábitos oblativos.

Além destes registam-se também os textos de V. Kosianenko, de Rostov do Don, sobre «Burials with Egyptian import of necropolis of the Kobiakov cite of ancient town», e de L. Juravleva, de Smolensk, versando sobre «Egyptian decorative glass from M. K. Tenicheva collection in Smolensk Museum of Fine Arts».

A organização das colecções

Se bem que atestado desde tempos anteriores (Alexei Sukhanov no século xvii e Vassili Grigorovitch-Barski no século xviii, além de outros), o interesse de alguns viajantes e coleccionadores russos só se começou verdadeiramente a manifestar a partir do século xix, depois da expedição de Bonaparte ao Egipto. Acompanhando o entusiasmo que um pouco por toda a Europa ia ganhando as camadas cultas ou endinheiradas, alguns nobres, burgueses e comerciantes russos viajaram para o velho país do Nilo na ânsia de obterem também eles algumas antiguidades que entretanto começavam já a dar entrada em grandes lotes nos museus de Paris, Londres, Turim, Viena, Berlim, etc. O próprio imperador da Rússia se mostraria interessado: o czar Alexandre I adquiriu em 1824 uma colecção de objectos egípcios que, a partir de 1881, ficaria integrada nas ricas colecções do Ermitage de São Petersburgo. Foi para esta cidade, na altura capital do Império Russo, que se transportaram duas esfinges trazidas de Tebas e que ficaram colocadas na margem do rio Neva, em frente da Academia Imperial de Artes.

Entre as mais antigas colecções de objectos egípcios chegadas à Rússia são de mencionar as de O. von Richter, a qual seria doada ao museu da Universidade de Tartu, na Estónia (embora um dos objectos, um sarcófago em nome do escriba Nesupaherentahat, tivesse depois ido parar ao Museu Regional de Voronej, onde agora se encontra); a de I. Blaraberg, o primeiro director do Museu de Antiguidades de Odessa, a quem doou a sua colecção em 1825, exemplo que foi seguido por outros coleccionadores como A. Umanez, M. Vrachko e A. Rafalovitch, que em meados do século XIX tinham viajado pelo Egipto; a de I. Butenev, oficial da marinha czarista, que regressara do Egipto com muitos objectos de arte os quais se encontram hoje no Museu Histórico da Estónia, em Talin; a do conde M. Tizkiewicz, doada à Biblioteca Pública de Vilnius, capital da Lituânia, e depois transferida para o museu local; as colecções de P. Uspenski, A. Prakhov, B. Khanenko e V. N. Khanenko foram enriquecer os espólios artísticos dos museus de Kiev.

Na segunda metade do século XIX as doações prosseguiram, delas beneficiando o Museu Etnográfico e de Artes Aplicadas de Lvov (que recebeu um excelente lote de peças do período copta pertencentes a F. Bock em 1888); o então chamado Museu de História Natural de Poltava (contemplado com os objectos egípcios reunidos por P. Bobrovski nas suas viagens ao Oriente); o Museu Histórico de Dniepropetrovsk, a antiga Iekaterinoslav, de onde era natural o arqueólogo e historiador ucraniano N.A. Pol, cuja viúva ofereceria os muitos objectos antigos reunidos por seu marido, para exposição pública; enfim, outros pequenos museus regionais foram beneficiados por diversas doações, nomeadamente os de Ivanovo, Sverdlovsk (antiga Iekaterinburgo), Irkutsk, Tbilissi (na Geórgia), Novgorod, Tomsk, Kharkov, Teodósia, Kertch, Ielgava, etc.

Saliente-se finalmente a colecção egípcia de um museu de fundação relativamente recente, o Museu Estatal de Arte de Kaunas, ao qual está ligado o nome da egiptóloga Rudzinskaite-Artisimavichene, formada pela Universidade de Moscovo e que depois foi professora das universidades lituanas de Kaunas e Vilnius, onde desenvolveu os estudos orientais. No decurso das suas viagens ao Egipto adquiriu vários objectos que hoje se expõem no referido Museu.

Os museus do Império Russo também beneficiaram da larga e generosa oferta que o Governo egípcio decidiu fazer após a descoberta do chamado «segundo esconderijo» de Deir el-Bahari, onde em 1881 foram encontrados milhares de objectos (sarcófagos, chauabtis e outro material funerário sobretudo datado da XXI dinastia). A exemplo do que tinha acontecido a outros museus da Europa (incluindo o museu da Sociedade de Geografia de Lisboa), as colecções russas viram-se enriquecidas com a chegada de um lote novo (era o lote que na partilha prévia feita no Museu do Cairo tinha o número 6) composto por meia centena de peças entre as quais quatro sarcófagos.

O crescimento das colecções egípcias nos vários museus russos e nas colecções privadas ao longo do século XIX e princípios do século XX pode bem demonstrar que, embora sem alcançarem a espectacularidade das colecções dos grandes museus da Europa, o interesse pelo Egipto se generalizara. Tal facto está ligado ao aparecimento da egiptologia russa e à organização dos primeiros catálogos de antiguidades egípcias existentes na Rússia. Em finais do século XIX surgia o primeiro catálogo elaborado por B. Turaiev, o qual registava 1640 objectos (colecções privadas de São Petersburgo e dos museus de Revel, Mittava, Iuriev, Vilnius e Kiev), tarefa que mais tarde foi prosseguida com o estudo das colecções existentes em Kazan e Odessa.

A contribuição da egiptologia russa e, depois da Revolução de 1917, soviética, foi significativa para o desenvolvimento dos estudos egiptológicos: nomes como os de V. Golenichev, W. Struve, M. Matthiew, J. Perepiolkin, V. Pavlov e o já mencionado B. Turaiev, são conhecidos dos estudiosos de egiptologia. A eles se juntam os nomes dos actuais egiptólogos Olev Barlev, Svetlana Hodjach, G. Chamrai, I. Ksenofontova, A. Bolchakov, E. Pichikova, Eleanora Kormicheva, Natalia Pomerantseva, entre outros, garantindo a continuidade de uma sólida tradição e assegurando o estudo e a divulgação das colecções egípcias existentes nos museus da ex-União Soviética, alguns dos quais agora se autonomizaram, acompanhando a independência das Repúblicas onde estavam sediados.

De entre os vários museus da ex-União Soviética que possuem significativas colecções de antiguidades egípcias, incluindo as que foram focadas na mencionada reunião do CIPEG em Julho de 1991, destacar-se-ão os seguintes:

- Museu Puchkin de Belas-Artes de Moscovo
- Museu Estatal de Arte Oriental de Moscovo
- Museu Estatal Central de Cultura Musical, em Moscovo (também chamado Museu M. Glinka)
- Palácio-museu de Arkangelskoie, na região de Moscovo
- Ermitage de Leninegrado
- Museu Estatal de Arte Ocidental e Oriental de Kiev
- Museu Arqueológico da Academia das Ciências da Ucrânia, em Odessa
- Museu Regional de Belas-Artes de Voronej
- Museu Etnográfico de Poltava
- Museu Etnográfico e de Artes Aplicadas de Lvov
- Museu de Arte Estrangeira da Letónia, em Riga
- Museu Histórico e Etnográfico da Lituânia, em Vilnius
- Museu Estatal de Arte de Kaunas, na Lituânia (também chamado Museu M. K. Churlionis)
- Museu Histórico de Dniepropetrovsk

- Museu da Universidade de Tartu, na Estónia
- Museu Histórico da Arménia, em Erevan
- Museu de Arte Regional de Ivanovo
- Museu Etnográfico da República de Tatars, em Kazan
- Museu Etnográfico de Eupatória
- Museu de Arte Regional de Irkutsk
- Instituto Histórico da Turqueménia, em Achkhabad
- Museu Histórico do Azerbaijão, em Baku
- Instituto Histórico, Arqueológico e Etnográfico do Tadjiquistão, em Duchambé
- Museu Histórico da Estónia, em Talin
- Museu de Arte da Geórgia, em Tbilissi
- Museu de Arte de Sverdlovsk
- Museu de Belas-Artes de Smolensk

Muitos destes museus sofreram as agruras da guerra, nomeadamente durante o período da ocupação alemã entre meados de 1941 e 1944. De facto, a Segunda Grande Guerra, e principalmente a brutalidade nazi, imposta pelos ocupantes do território conquistado pela Wehrmacht na U.R.S.S., são responsáveis pelo desaparecimento de muitos objectos das colecções egípcias que não foram atempadamente evacuadas. Tal sucedeu com as colecções de Kharkov e Novgorod que desapareceram sem deixar rasto (e por isso mesmo não constam da lista acima apresentada) e com as de Ielgava, Minsk, Vilnius, Riga, Kaunas, e outras, as quais sofreram grandes danos. Bem elucidativo é o caso da interessante colecção egípcia do Museu Etnográfico de Poltava: dos 248 objectos que possuía antes da guerra ficaram só uns cem, e mesmo esses algo danificados devido ao grande incêndio que o exército alemão pegou à cidade quando dela se retirou derrotado em Setembro de 1943.

As principais colecções egípcias

Após a Segunda Guerra Mundial teve lugar um insistente trabalho de reparação dos estragos causados nos museus e obras de arte. As colecções egípcias, tal como todos os outros acervos artísticos das várias épocas históricas, foram reinstaladas em cuidadosas acções de registo, restauro e preservação. Actualmente existem colecções egípcias em cerca de cinquenta museus espalhados pelo vastíssimo território da ex-União Soviética, tendo cada um desses museus contribuído com o empréstimo das suas mais significativas peças para a efectivação da notável exposição de antiguidades egípcias levada a efeito pelo Museu Puchkin de Belas-Artes de Moscovo em Julho de 1991, o qual editou a propósito um catálogo em russo: *Drevniegi-petskie Pamiatniki is Museev CCCP*.

Seguidamente aludiremos, em referências sumárias, às principais coleções egípcias existentes nos museus da ex-União Soviética:

MOSCOVO (República da Rússia):

O destaque evidente vai para o importante acervo egiptológico exposto no Museu Puchkin de Belas-Artes, fundado em 1889, altura em que recebeu



ДРЕВНЕЕГИПЕТСКИЕ ПАМЯТНИКИ
ИЗ МУЗЕЕВ СССР

os objectos antigos que se encontravam na Universidade de Moscovo. Os primeiros objectos egípcios só entraram no museu em 1898, constituindo o núcleo inicial que viria depois a aumentar graças à transferência da colecção Golenichev que até então estava em São Petersburgo, aquisição que se verificou em 1911. É variadíssima a colecção hoje exposta, distribuindo-se cronologicamente desde a pré-história à época copto-bizantina (daí que o acervo cubra um longo período histórico de cerca de cinco mil anos). Entre os materiais expostos encontram-se vasos em pedra e em terracota, estatuetas de madeira, pedra e bronze, estatuária diversa (de que se destaca uma estátua de Amenemhat III em granito), amuletos e moldes para amuletos, escaravinhos, papiros, sarcófagos e máscaras funerárias, adornos vários, chauabtis, vasos de vísceras, cones funerários, objectos do dia-a-dia, recipientes e lucernas da época greco-romana, tecidos coptas, etc. De todas as peças em exibição poderá salientar-se o conjunto das estelas e relevos, conjunto que mereceu a publicação de uma obra com grande difusão e aceitação nos meios egiptológicos (Svetlana Hodjach e Oleg Berlev, *The Egyptian Reliefs and Stelae in the Pushkin Museum of Fine Arts, Moscow*, Aurora Art Publishers, Leninegrado, 1982). A referida obra sobre os relevos e as estelas egípcias do grande museu moscovita actualiza substancialmente a descrição feita por Turaiev, em russo, e com a tradução de *A Secção Egípcia do Museu de Belas Artes do Imperador Alexandre III em Moscovo: Breve Guia Ilustrado*, que entre 1913 e 1917 conheceria doze edições sucessivas. O conjunto integra estelas tumulares, estelas comemorativas, e altares de oferendas (conhecidos também por mesas de oferendas).

Outro museu da cidade de Moscovo que alberga uma colecção egípcia é o Museu Estatal Central de Cultura Musical, também chamado Museu M. Glinka, o qual viria a colaborar na mostra de arte egípcia realizada aquando da reunião do CIPEG com uma cabeça do faraó Senusert III (ou Sesóstris III, da XII dinastia), oriunda da antiga colecção Golovanov. De registar ainda outro museu moscovita com um acervo de antiguidades egípcias, o Museu Estatal de Arte Oriental, além do Palácio-Museu de Arkangelskoie, que cedeu à referida exposição colectiva vários objectos de que se salientará uma bela estatueta de bronze evocando a deusa-gata Bastet (a peça foi escolhida para ser a imagem da capa do catálogo publicado na ocasião: *Drevniegipetskie Pamiatniki is Museev CCCP*; ver imagem na página anterior).

SÃO PETERSBURGO (República da Rússia):

Depois do Museu Puchkin de Belas-Artes de Moscovo é no Ermitage de São Petersburgo que se conserva a mais significativa colecção egípcia russa. Como anteriormente se assinalou, a organização do seu grande núcleo inicial deve-se ao interesse do czar Alexandre I pela aquisição de objectos da época faraónica. Mas já antes haviam dado entrada na Biblioteca

Pública Imperial de São Petersburgo alguns importantes papiros egípcios, depois transferidos para o Ermitage, que se viria ainda a enriquecer com doações de notáveis colecionadores como A. Norov, ministro do governo imperial e o príncipe Bagration. A variedade existente no grande museu moscovita também se detecta na colecção do famoso museu de São Petersburgo: estatuária, relevos e estelas, sarcófagos e diverso material funerário, os habituais pequenos objectos como os amuletos, escaravinhos e chauabtis, objectos de bronze, vasos e recipientes, objectos da época greco-romana e copta, etc.

VORONEJ (República da Rússia):

O Museu Regional de Belas-Artes de Voronej, que teve a sorte de não ser atingido pela guerra (embora o exército alemão tivesse chegado a poucos quilómetros da cidade), alberga uma pequena colecção egípcia que se caracteriza igualmente pela variedade dos objectos: vasos, amuletos, escaravinhos, chauabtis, estatuetas de bronze, destacando-se no âmbito da estatuária uma cabeça de um funcionário da Época Baixa (com a típica cabeleira em saco), uma figura ajoelhada com o carneiro sagrado de Amon, várias estelas (como as de Nebamentet e do funcionário Ramsés) e um sarcófago da XXI dinastia (de Nesupaherentahat, anteriormente guardado no museu da Universidade de Tartu).

KIEV (República da Ucrânia):

A capital da Ucrânia expõe no seu reconstruído Museu Estatal de Arte Ocidental e Oriental uma colecção egípcia com algumas centenas de objectos que vão desde a pré-história à época copto-bizantina, sendo de sublinhar os seus sarcófagos (da Época Baixa), máscaras funerárias, estatuária (uma cabeça masculina do Império Antigo e a estátua datada do Império Novo, pertencente ao alto funcionário Nesunebnetjeru, o «enviado à Etiópia», isto é, à região de Kuch, porventura a mais valiosa e significativa peça da colecção), estelas, bronzes e diversos objectos de âmbito decorativo e profiláctico.

DNIEPROPETROVSK (República da Ucrânia):

Nesta cidade ucraniana se encontra o Museu Histórico de Dniepropetrovsk, cujo acervo egíptológico inclui uma estátua de um faraó ajoelhado venerando o deus Amon (a peça tem inscrito o nome de Ramsés VI, mas

parece ter sido usurpada a um anterior monarca), uma múmia de mulher, fragmentos de sarcófago, objectos em faiança e em bronze, vasos (incluindo vasos de vísceras), cones funerários, amuletos, etc.

POLTAVA (República da Ucrânia):

Como anteriormente referimos, o Museu Etnográfico de Poltava foi duramente lesado no decurso da última guerra, não escapando às delapidações a sua colecção egípcia. Mas desde finais dos anos quarenta foi a colecção aumentada com a integração de cerca de duzentos objectos encontrados durante as escavações realizadas nos *kurgans* do mar Negro (amuletos, escaravelhos e pequenos objectos em faiança, julgando-se no entanto que poucos desses exemplares serão de facto egípcios: a maioria é uma imitação dos típicos amuletos e escaravelhos egípcios que na época das tumulações em causa circulavam pela bacia mediterrânica). Sublinhe-se entretanto a presença de um interessante acervo constituído por materiais da época pré-faraónica, vasos, fragmentos de estelas e de relevos, cones funerários e uma cabeça de faraó que é um estudo de escultor para posterior trabalho.

ODESSA (República da Ucrânia):

A cidade de Odessa, situada nas costas do mar Negro, beneficiou do facto de ser um movimentado porto em contacto estreito com as regiões do Levante e com o Egipto. Era então o ponto de chegada dos viajantes do século XIX que traziam antiguidades, algumas das quais fazem parte da colecção egípcia hoje exposta no Museu Arqueológico da Academia das Ciências da Ucrânia. Nessa colecção podem ser apreciados objectos de quase todas as épocas da longa história do Egipto, sendo no entanto de salientar os seus sarcófagos e máscaras funerárias, vasos de vísceras, amuletos, chauabtis, cones funerários e estelas (nomeadamente as de Ptahmés, Djedit e Ti).

TALIN (República da Estónia):

Além da pequena colecção do museu da Universidade de Tartu, é de realçar a que se conserva no Museu Histórico da Estónia, em Talin. Tendo o seu núcleo fundamental na antiga colecção Butenev, o acervo estoniano apresenta diversos objectos de que se destacarão as estatuetas de bronze da época saíta e ptolomaica, chauabtis e estelas (estela de Padikhonsu, do período ptolomaico).

RIGA (República da Letónia):

O Museu de Arte Estrangeira da Letónia, sediado na capital da República, é rico em materiais que datam da época pré-faraónica e das primeiras dinastias: é o caso dos vasos de boca negra, paletas e objectos de alabastro (entre os quais um magnífico tabuleiro com pé). Possui ainda amuletos e es-caravelhos, sendo de referir a estátua estelófora de Meriré (xviii dinastia) e uma cabeça do deus Amon (xxvi dinastia).

KAUNAS (República da Lituânia):

Além do Museu Histórico e Etnográfico da Lituânia, situado em Vilnius, é na capital da República que se encontra a mais significativa colecção egípcia, no Museu Estatal de Arte de Kaunas (também chamado de Museu M.K. Churlionis). Lá se conservam objectos funerários (máscaras e fragmentos de sarcófagos), es-caravelhos, amuletos, estatuetas de bronze e materiais da época greco-romana.

Luís Manuel de Araújo